

AUTISMO GRAU III: AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS E A UTILIZAÇÃO DO INSTRUMENTO AVALIATIVO TABELA DE ACOMPANHAMENTO

Grade iii autism: pedagogic interventions and the use of the assessment instrument monitoring table

Autor¹ - Lucélia dos Santos Bezerra, co-autor² - Antônio Washington de Oliveira Júnior

¹Autora, lucelia792@gmail.com

²Co-autor, juba.doutorado@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nesta presente introdução destacamos ser uma pesquisa básica de natureza qualitativa trazendo uma amostra com estudo de caso. Apresentamos a face do material, o que foi feito no corpo e como está distribuído no correr das páginas, apresentamos os sujeitos da pesquisa CF, tendo como objeto o seu desenvolvimento escolar face as ações e intervenções pedagógicas realizadas durante um recorte de sua vida com acompanhamento na escola.

Também trazemos nesta parte inicial a problemática de pesquisa, a justificativa, as hipóteses e os objetivos.

O presente trabalho tem por objetivo, relatar questões acerca da aprendizagem de uma criança com transtorno do espectro autista a qual resguardamos o nome e tratamos nesta pesquisa por CF; cujo laudo médico está fechado para Autismo com grau III; tendo ainda o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Deficiência Intelectual associados, o trabalho vem também elucidar sobre o papel que o mediador escolar tem ao intervir no auxílio de questões pedagógicas, como: afetividade, socialização, autonomia, coordenação motora global, comunicação alternativa e rotina escolar.

Problema, existem dificuldades para os professores em realizar a avaliação das crianças com autismo elevado, especialmente, quando estas crianças não detém o domínio da linguagem oral?

A questão problema gira em torno do fato de os professores terem grande dificuldades durante o processo de avaliação de desenvolvimento escolar quando se trata de um aluno com ausência de linguagem verbal, e, no estudo de caso em pauta; o sujeito da pesquisa não consegue se comunicar utilizando nenhuma forma de comunicação alternativa.

O que vem justificar a pesquisa é a grande necessidade existente da criação e utilização de formas diferenciadas e de ferramentas de trabalho avaliativas que possam trazer melhor averiguação dos avanços das pessoas com autismo não verbalizadas. Vem oferecer uma possibilidade instrumental para o fazer educativo.

Enquanto hipóteses tínhamos a investigar se os instrumentos utilizados com o aluno surtiriam efeitos perceptíveis e possíveis de serem utilizados por outros. Observar validando as intervenções e suas formas de serem realizadas afim de verificar avanços.

Deixamos enquanto elemento para reflexão a possibilidade do uso de tabela de acompanhamento, onde os aspectos e condições interacionais e emocionais podem ser mapeadas dia a dia, facilitado o trabalho de avaliação por parte dos professores das disciplinas diversas, os quais atuam junto a estas crianças, mas não o tempo suficiente para conseguir

perceber nuances ocorridas durante o dia, que podem representar avanços na aquisição de conhecimentos.

MATERIAL E MÉTODOS

Apresentaremos neste capítulo, os aspectos metodológicos que nortearam nossa pesquisa, descrevendo sua abordagem, o cenário no qual foi realizada e o detalhamento do campo empírico, dos procedimentos metodológicos que utilizamos para construção e análise dos dados, bem como sobre os sujeitos participantes da pesquisa: o estudante e a professora pesquisadora. Seguimos os parâmetros da pesquisa qualitativa em educação pesquisa-ação, utilizando os recursos recomendados para o “método estudo de caso”.

O percurso metodológico realizado fora, a princípio, o levantamento bibliográfico das obras a respeito do tema tratado, tanto de trabalhos mais antigos, quanto daqueles mais recentes nos quais se pode ter atualização do estado de discussões acerca do assunto. Feitas anotações das intervenções realizadas, que seguiram sendo registradas durante alguns dias de acompanhamento; fotografias, anotações de dados oriundos de filmagens, coleta de material utilizado durante o trabalho e análise dos resultados das intervenções propostas. Todo o período compreendeu os anos de meados de 2019 a meados de 2022.

Levantando a hipótese de que as maneiras como estas crianças estão sendo avaliadas na escola não corresponde ou demonstra as reais habilidades desenvolvidas por cada sujeito com TEA.

Optando por seguir um cronograma aberto e flexível dentro de um período compreendido entre os anos de 2019 e 2022, a flexibilidade de tempo foi necessária devido ao período de Pandemia vivenciado nestes anos o que dificultou a realização do trabalho, uma vez que o aluno deixou de ir à escola e a professora teve os contatos necessários à realização do trabalho reduzidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela abaixo foi criada e a mesma utilizada pela autora “INSTRUMENTO AVALIATIVO TABELA DE ACOMPANHAMENTO”.

Tabela 1: Título da tabela contendo as informações dos resultados observados

CONDIÇÕES OBSERVADAS	DIAS MEDIADOS																														
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
AFETIVIDADE	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde																										
SOCIALIZAÇÃO	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
AUTONOMIA	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
COORDENAÇÃO MOTORA GLOBAL	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
ROTINA ESCOLAR	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

Fonte: Resultados obtidos pelo autor, 2021.

Esta tabela foi criada para que se tornasse mais fácil à visualização das condições observadas no acompanhamento ao aluno. Uma vez relatado o dia a dia, analisado os avanços,

estagnações e ausência de reação, sentimos a necessidade de demonstrar de modo mais sucinto e claro o que fora observado.

A visão de uma tabela com legenda traz um retrato mental imediato daquilo que estará sendo estudado. Atribuímos cores com o significado para demonstrar as reações da criança face às intervenções; sendo o vermelho para estagnação – quando, apesar de colocado em situações que enfocava os elementos a serem observados, não conseguimos perceber reações externalizadas.

Temos de considerar que na pessoa com TEA em grau elevado, muitas vezes se torna difícil perceber o que acontece em seu interior, não podemos afirmar com certeza que C.F reagiu compreendendo ou não o que foi proposto; ou que uma intervenção foi plenamente internalizada. Logo, falamos sobre aqueles aspectos em que foi possível notar, como a falta de reações às condições, então colocamos na tabela a cor vermelha.

Atribuímos a cor amarela para os momentos em que foi notada oscilação para com as intervenções propostas. Ou seja, o aluno reagiu em momento anterior a uma atividade, ou ensinamento, e em determinado dia não teve o mesmo procedimento. Quando observamos que as intervenções provocaram e foram externalizadas por ele como o esperado com o ensino, entendemos que aconteceu avanço e atribuímos a cor verde.

Dessa forma, a tabela vem contribuir no entendimento rápido daquilo que foi desenvolvido, é uma clara imagem da pesquisa. Apesar de apenas a breve contemplação desse instrumento não trazer detalhes do trabalho executado; a explicação pormenorizada ocorrerá durante a descrição dos momentos diários, bem como a fundamentação teórica está presente em cada ponto a ser suscitado.

Após intervenções segurando sua mão, para manter a colher dentro do prato até a próxima colherada a criança conseguiu aprender e não mais atirou a colher ao chão. Então no dia em que internalizou o procedimento adequado marcamos a cor verde na tabela no quesito Rotina Escolar. Sempre ao final do turno fazíamos o preenchimento da tabela com as cores conforme as condições observadas e fazíamos os registros de aspectos salutareos observados no dia.

Optamos por trazer enquanto condições observadas, os aspectos enfocando: a afetividade, a coordenação motora ampla, a socialização, a comunicação alternativa, a autonomia e a rotina escolar. Todos estes pontos são de relevância para aprimorar o desenvolvimento e o processo de ensino/ aprendizagem de todos as pessoas, não sendo diferente para aquelas com o TEA.

O quadro atual de estudos que temos é o da educação especial que busca verdadeiramente a inclusão por via de um esforço curricular para que as individualidades de cada sujeito sejam consideradas. No entanto, no fazer pedagógico ainda há muito a ser executado em termos de ações e intervenções inclusivas.

Não existe modelo que possa ser utilizado por todas as pessoas e nem fórmulas para agir conforme o laudo médico de transtorno que cada um detém. Desse modo, cada criança precisa de um currículo. Mas alguns pontos em comum podem ser tidos como norte para o trabalho eficaz e inclusivo.

As definições do público-alvo devem ser contextualizadas e não se esgotam na mera categorização e especificações atribuídas a um quadro de deficiência, transtornos, distúrbios e aptidões. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, enfatizando a importância de ambientes heterogêneos 10 que promovam a aprendizagem de todos os alunos (BRASIL, 2008).

Cumprido destacar que em nosso país o período compreendeu a década de noventa trouxe significativo avanços na política que trata da educação inclusiva, o que trouxe novo olhar e novas possibilidades para a educação e inclusão escolar (BATTISTI; HECK, 2015).

O que é o Autismo? É um jeito, uma característica, uma forma de externalizar diferenciada, uma peculiaridade comportamental oriunda de um transtorno causado por ausências de sinapses neurais, decorrente da poda neuronal intensa emergente nos primeiros dois anos de vida.

A poda neuronal intensa ocorre apenas por volta dos dois anos, é o momento de especialização dos comportamentos. No entanto, a poda em escala menos intensa continua acontecendo, como em todas as pessoas, por toda a vida.

A autora propôs a existência de uma “tríade de transtornos da interação social” (Goldberg, 2005, p.3) Et al; Lara (2012), Ferreira (2018), Goldberg (2005) e Póvoas (2022)

Conforme podemos ver no levantamento supracitado, o autismo nos anos de 1908 era considerado enquanto doença do trato mental, especificamente a tido como sendo Esquizofrenia. Somente a partir do ano de 1943 passou-se a compreender o autismo como sendo uma dificuldade das interações nas questões de sociabilidade e assimilação de regras de convívio.

Já em meados do ano de 1964 Rimland, que era pai de uma criança autista, conseguiu olhar de modo diferenciado para as peculiaridades deste Espectro e classificou questões nos quesitos emocionais, ressignificando a culpabilidade inerente aos familiares destas crianças.

Durante a década de 70 ainda existe grande dificuldade por parte das famílias destas crianças no que concerne à compreensão do autismo, muito sendo remetido às concepções tidas em 1908, voltados a demência, loucura, dentro outros equívocos.

Somente em 1988 a especificação e conceituação de autismo foi tratada em sociedade enquanto sendo um montante de sintomas a serem observados e investigados. Para a ciência o Autismo é algo novo e que se encontra em construção nas diferentes áreas de estudos, inclusive, tendo enquanto ponta de maior número de trabalhos e pesquisas realizadas a área da Educação.

Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno invasivo do desenvolvimento que de acordo com o manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, pode acometer o indivíduo em várias áreas do funcionamento, como habilidades de interação social recíproca, comunicação e atividades estereotipadas (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2002).

Em 2013, o Manual de Classificação de Doenças Mentais substituiu o termo autismo pela denominação Transtorno do Espectro Autista. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o autismo afeta uma a cada 160 crianças no mundo. Diante de tão imenso número de crianças dentro do Espectro Autista a escola necessita cada vez mais de preparação e de profissionais dispostos a abraçar a perspectiva inclusiva.

No quadro atual a educação especial se constitui enquanto um montante de estratégias com o intuito de aperfeiçoar os lócus de atendimento de ensino dando suporte aos alunos com algum tipo de necessidade educacional para que estes possam se desenvolver da melhor maneira possível; sempre considerando suas potencialidades e habilidades bem como partindo de suas evidenciadas limitações; (ALBUQUERQUE; MARTINEZ, 2012). Fernandes (2016) vez dizendo que as resoluções que tratam da

educação inclusiva têm tido avanços e dá ênfase ao valor do ensino de qualidade para a permanência dos alunos nas escolas regulares.

O desafio que confronta a escola inclusiva diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de educar com sucesso, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas (DAZZANI, 2010, p.365).

Cunha (2013), diz que o mundo do indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), tem por natureza uma dificuldade na área de comunicação e na linguagem, desvinculando a necessidade de se expressar socialmente por meio da fala, mas podendo procurar outros meios de expressão para que haja um contato e envolvimento afetivo.

No Brasil, em 18 de julho de 2019, foi sancionada a lei 13.861/19 (BRASIL, 2019). Inclui no censo do IBGE levantamento estatístico sobre o autismo, com essa lei será possível identificar o número de pessoas com autismo. A estimativa da OMS é que existam 70 milhões de pessoas no mundo com autismo, sendo que se encontram 2 milhões delas no Brasil. O IBGE incluiu pergunta sobre autismo no questionário do Censo 2022, que começará em junho e terminará em agosto de 2022, período que os recenseadores visitarão todos os domicílios do Brasil.

(<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1687>) PUBLICADO: 07/2022

Os resultados serão divulgados entre os anos de 2022 e 2025 em diferentes mídias, múltiplos formatos e em diversos recortes espaciais, buscando atender às demandas dos variados segmentos do público” (PAIVA JR, 2022).

Lembrando que o Espectro do autismo é bastante diversificado, sendo que cabe características de grande variabilidade de aspectos de comportamento todos dentro do Espectro de entendimento que, apesar da heterogeneidade, apresentam pontos em comum que possibilita o enquadramento inerente ao Espectro e merecendo o mesmo olhar cauteloso e voltado aos direitos e práticas inclusivas que os contemplem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo configurou-se no sentido de fomentar um diálogo sobre a importância do acompanhamento e intervenções do Professor de Educação Especial aos alunos com necessidades educacionais especiais, o valor dos instrumentos fomentadores do desenvolvimento dessas pessoas, em especial aqui em nosso estudo falamos acerca daquelas com Transtorno do Espectro Autista em grau elevado, como é o aluno sujeito dessa pesquisa.

Assim, podemos destacar, através da observação de C.F, a importância do papel do Professor de Educação Especial em seu desenvolvimento, e os seus ganhos notáveis durante o período de acompanhamento, acentuando assim a necessidade da continuidade e aprimoramento da mediação, das intervenções adequadas e do aperfeiçoamento constante do olhar sobre o sujeito investigado afim de tornar as mediações na propositura de atividades mais relevantes e significativas para sua aprendizagem e desenvolvimento.

Destacamos ainda a relevância dos materiais avaliativos utilizados, em especial a maneira inovadora com o uso do instrumento tabela de acompanhamento diário e como este material pode ser útil para todos no trabalho com crianças com características semelhantes à do menino participante desta pesquisa.

A presença e permanência de crianças com grau de autismo elevado em escolas regulares ainda é discutida e questionada, muitos são os educadores que demonstram

insegurança e dúvidas sobre a relevância deste formato de ensino e sobre a real importância de pessoas com estas dificuldades estarem matriculadas na escola e frequentando as salas regulares.

Neste estudo refletimos nos posicionando sobre a inclusão das pessoas com deficiência estarem matriculadas na escola, frequentando, integradas e verdadeiramente incluídas nas diversas atividades escolares, mostramos que é possível, mas também defendemos a necessidade do professor de Educação Especial os acompanhando para que realmente possam estar incluídas e se desenvolvam em muitos aspectos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM**. 4 ed. – Texto Revisado. Tradução Claudia Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ALBUQUERQUE, A.P.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Inclusão escolar e subjetividade social da escola: relações e possibilidades**. In: BRANCO, A.M.C.U. de A.; OLIVEIRA, M.C.S.L. (Org.). *Diversidade e cultura de paz na escola: Contribuições da perspectiva sociocultural*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.185-211.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BATISTTI, Aline Vasconcelos. HECK, Giomar Maria Poletto. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática**. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2013.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado. **A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica**. *Psicologia. ciencia. profissão.*, vol. 30, n.2, p. 362-375, 2010.

GOLDBERG, K. **Autismo: Uma Perspectiva Histórico-Evolutiva**. *Revista de Ciências Humanas e Educação*. v. 6, n. 6, p. 181-196, 2005. Doi:10.31512/Pch.V6i6.263
<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/espacouridico>
Lei do Autismo Lei Berenice Piana - nº 12.764/12

LARA, J. G. El Autismo: **Historia Y Clasificaciones**. *Salud Mental*, v. 35, n. 3, p. 257-61, junio 2012.

FERREIRA, L. B. P. **Um percurso sobre o autismo: história, clínica e perspectivas**. *Cad Deligny*, v. 1, n. 1, p. 110-9, 2018.

PÓVOAS, J. M. T. **Breve histórico sobre o autismo infantil**. [S. l.]: CIS, 2022. Disponível em: <https://cisescolar.com.br/artigos/breve-historico-sobre-o-autismo-infantil/>. Acesso em: 01 abr. 22 Rev. CEFAC. 2009 Out-Dez; 11(4):708-712

PAIVA JR, Francisco. IBGE incluiu pergunta sobre autismo no questionário do Censo 2022. **Canal Autismo**, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/ibge-incluiu-pergunta-sobre-autismo-no-questionario-do-censo-2022/>. Acesso em: 27 abr. 2022.